

COLEÇÃO OUTRAS – PALAVRAS
VOLUME 8

Coronavida:
pandemia,
cidade e cultura
urbana

GISELLE BEIGUELMAN

Coronavida:
pandemia,
cidade e cultura
urbana

GISELLE BEIGUELMAN

MUITAS “TURAS”

Em visita recente à Escola da Cidade, o arquiteto Paulo Mendes da Rocha lembrou aos presentes que a arquitetura é um saber solicitante. Seu discurso evocava fortemente uma fórmula feliz, encontrada há certo tempo por Bernard Tschumi para exprimir semelhante ideia por meio de um jogo de palavras. “A arquitetura”, dissera Tschumi, “não a vejo como conhecimento da forma, mas sim como forma de conhecimento”¹. Uma forma de conhecimento do mundo que, por sua natureza, exige o recurso permanente a saberes e domínios que ingenuamente podemos tratar como “extra-arquitetônicos”, mas que, na verdade, não o são. O saber solicitante a que se refere Paulo Mendes é esse espinhoso terreno em que se concentram as mais delicadas sínteses. São sínteses tênues, mas inevitáveis para o exercício de uma profissão cujo escopo é o manejo do cotidiano em si, em suas formas mais complexas, isto é, coletivas e imaginárias.

Essa ideia, por mais contemporânea que seja, representa a afirmação pura e simples de alguns fundamentos filosóficos e epistemológicos, mais do que antigos, ancestrais. Vitruvius já tratava dessas solicitações

1. Tschumi, Bernard (2008). “L’architecture n’est pas une connaissance de la forme mais une forme de connaissance”, in: Lengereau, Éric (org). *Architecture et construction des savoirs*. Paris: Recherches, 2008, p. 212.

ao lembrar seus leitores – com o dedo vertical da norma culta – que a “ciência do arquiteto é ornada de vários saberes e muitas disciplinas”². Muito embora ancorasse o argumento numa apologia da razão prática – que a alta modernidade tratou de complicar –, Vitruvius enunciou e inseriu tais disciplinas num conjunto coerente de deveres formativos e cognitivos aos quais nos mantemos ligados. Isto é, parafraseando e tencionando o romano, sabe-se que o arquiteto hoje deve buscar e construir-se em uma quase infinidade de perspectivas, prestando inclusive atenção a chamados que não têm relação evidente de utilidade com a prática projetual, mas se revelam capazes de lhe garantir a decantação de uma consciência armada, aberta e alerta, permitindo-lhe interpretar forças enigmáticas e intrigantes tanto da natureza quanto da cultura. São saberes que permitem honrar o conselho vivo de Drummond aos jovens, num momento em que o mundo parecia debruçado sobre o abismo da tecnologia embestada: “Inventem olhos novos ou novas maneiras de olhar para merecerem o espetáculo novo de que estão participando”³. Como inventar esses olhos sem a franca disposição de reconhecer as limitações do estudo disciplinar ou departamentalizado?

2. Vitruvius (c. I a.C.). *Tratado de arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 61.

3. Drummond de Andrade, Carlos (1944). “Prefácio para Confissões de Minas”. in: *Obra completa em um volume*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1964, p. 506.

São questões desse tipo que esta iniciativa editorial procura enfrentar ou, no mínimo, tangenciar. As “outras palavras” às quais nos referimos são as múltiplas palavras que sempre tiveram espaço na Escola da Cidade, desde a sua fundação, preocupada que é essa escola com a sólida e ampla formação humanista de seus estudantes, professores e colaboradores. Noutras palavras, são também as outras “turas” de que fala Cortázar, na alta intensidade de seu fraseado dançante, no jogo tramado de seus cacós significativos:

A nossa verdade possível tem de ser invenção, ou seja, literatura, pintura, escultura, agricultura, piscicultura, todas as turas deste mundo. Os valores, turas, a santidade, uma tura, a sociedade, uma tura, o amor, pura tura, a beleza, tura das turas.⁴

Juntar essas pontas é uma utopia? Esperamos que “turas” e leituras multipliquem-se no tempo, nas mãos e no pensamento de nossos leitores. Por isso, trazemos a público esses livros, essas reflexões recolhidas.

José Guilherme Pereira Leite

Professor da Escola da Cidade

Coordenador do Seminário de Cultura e Realidade Contemporânea

4. Cortázar, Julio (1963). *O jogo da amarelinha*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999, p. 443.

SUMÁRIO

- 03 Nota de apresentação
Prólogo do confinamento:
- 05 O espaço público é a primeira vítima fatal
A pandemia das imagens:
- 09 A revolta das janelas (estéticas dos novos
ativismos)
- 14 Entre bibliotecas e *livres*
- 26 O pós-pandêmico é agora
- 36 Referências bibliográficas
- 40 Sobre a autora

NOTA DE APRESENTAÇÃO

Coronavida é o nome de uma série que escrevi para a *Revista seLecT* entre março e abril deste ano. A série se desdobrou em seminários, vídeos e em colaborações feitas para a revista *Piauí*, *Folha de S. Paulo*, Rádio USP e n-1 edições. A supressão do espaço público, os novos formatos de ativismo, a pandemia das imagens, de *lives* a memes, a vigilância molecular do capitalismo fofinho, o novo normal, a precarização das relações sociais e o trabalho remoto são alguns dos temas abordados.

A convite da Escola da Cidade, esse material foi reunido e editado na forma de um texto contínuo. Nele apresento alguns pontos de reflexão sobre os impactos do coronavírus na cultura urbana e na nossa compreensão de cidade.



PRÓLOGO DO CONFINAMENTO

O ESPAÇO PÚBLICO É A PRIMEIRA VÍTIMA FATAL

Já é possível dividir a vida entre a.C e d.C? Antes do coronavírus e depois do coronavírus? Ninguém sabe quanto tempo viveremos no “regime de exceção” da pandemia, se meses ou anos, conforme alertou Soumya Swaminathan, cientista chefe da Organização Mundial de Saúde (OMS). O fato é que o “corona” é pra lá de contemporâneo, transformando em cotidiano o panorama mais sombrio do futuro da cidade.

As medidas de precaução contra sua propagação enunciam uma cultura urbana do isolamento, da ojeriza ao contato físico, da consagração do trabalho remoto e da condenação do idoso a elemento disfuncional da atualidade. O espaço público, por isso, foi sua primeira vítima fatal. Da categoria de lugar “perigoso”, das multidões amotinadas e do encontro com o inesperado, uma definição que nos assombra desde o século XIX, passa à de contagioso. A globalização, e todo o espectro de mobilidade que implicava, aparece como algoz de uma humanidade fragilizada pelos fluxos do capital. É preciso parar, ficar em casa, fechar fronteiras e abrir muitas

Rua da Consolação, São Paulo, abril de de 2020, 16h.
Foto da autora.

torneiras... A promessa dos territórios porosos e da força dos nômades na requalificação social é brutalmente suprimida pela contenção, pelo emparedamento da quarentena e do *revival* dos nacionalismos.

Os mais otimistas identificaram nesse cenário sinais positivos para um *slow down* geral, que nos faria repensar o modo de vida 24/7 do capitalismo tardio e os fins do sono e da Sociedade do Cansaço, conforme analisaram Jonathan Crary e Byung Chul-Hang. O argumento é que o isolamento poderia funcionar como um chamado para acalmar-se, usar o que a tecnologia das redes tem de melhor e fazer tudo o que é possível a distância: dar aulas, assisti-las, fazer compras, gerir galerias de arte, administrar finanças (pessoais e alheias), conversar...

Afinal, nessa via de raciocínio, o confinamento não tem nada de complicado. Basta abrir as janelas, manter a distância de 1,5 metro entre as pessoas e deixar o ar circular... E quem vive em pequenos cômodos, com suas famílias e, muitas vezes, dividindo espaço com várias outras pessoas e não tem janela? Faz o quê? Liga o ar-condicionado?! Não me espantaria com mais uma resposta à la “não tem pão, comam bolo” das autoridades e especialistas. Obviamente que não entram nessa conta as pessoas que não podem fazer o seu trabalho de forma remota, como camelôs, faxineiras, trabalhadores da construção civil, montadores de exposição, frilas mil e o neo “lumpesinato digital” que abastece serviços de

autora GISELLE BEIGUELMAN
revisão CAROU OLIVEIRA
projeto gráfico TRÊS DESIGN
diagramação EDITORA ESCOLA DA CIDADE
foto da contracapa JORGE LEPESTEUR
agradecimentos PAULA ALZUGARAY, GUILHERME
WISNIK, FABIO VALENTIM, MARINA RAGO MOREIRA,
BAÚ/ ESCOLA DA CIDADE, ALCINO LEITE NETO, SILAS
MARTÍ, LEILA KYOMURA, PETER PÁL PELBART, NILCE
ARAVECCHIA

COLEÇÃO OUTRAS PALAVRAS
coordenação FABIO VALENTIM E GUILHERME WISNIK

ASSOCIAÇÃO ESCOLA DA CIDADE
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
Rua General Jardim, 65 - Vila Buarque
01223-011 São Paulo SP
T +55 11 3258 8108
escoladacidade@escoladacidade.edu.br

ASSOCIAÇÃO ESCOLA DA CIDADE
presidência ALVARO LUÍS PUNTONI, FERNANDO FELIPPE
VIÉGAS E MARTA MOREIRA

CONSELHO ESCOLA
diretoria CRISTIANE MUNIZ E MAIRA RIOS

CONSELHO CIENTÍFICO
diretoria ANÁLIA M. M. DE C. AMORIM E MARIANNA
BOGHOSIAN AL ASSAL

CONSELHO TÉCNICO
diretoria GUILHERME PAOLIELLO

CONSELHO HUMANIDADES
diretoria CIRO PIRONDI

CONSELHO SOCIAL
diretoria ANDERSON FABIANO FREITAS

EDITORA ESCOLA DA CIDADE
coordenação FABIO VALENTIM
MARINA RAGO MOREIRA, THAIS ALBUQUERQUE,
ALEXANDRE BASSANI E RICARDO KALIL

NÚCLEO DE DESIGN
coordenação CELSO LONGO E DANIEL TRENCH
DÉBORA FILIPPINI, BEATRIZ OLIVEIRA E GABRIEL DUTRA

MEIOS DIGITAIS E AUDIOVISUAL
coordenação ALEXANDRE BENOIT
coordenação baú CLARISSA MOHANY
FERNANDA TEIXEIRA, LUISA MARINHO E LÚMINA KIKUCHI



GISELLE BEIGUELMAN

Coronavida discute os impactos da Covid-19 na cultura urbana contemporânea e na nossa compreensão de cidade. A supressão do espaço público, os novos formatos de ativismo, a pandemia das imagens, de lives a memes, a vigilância molecular do novo normal, a precarização das relações sociais e o trabalho remoto são alguns dos temas abordados.

editora

**escola
da cidade**